

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Liberal Class.: 36
 Data 30.09.90 Pg.: _____

Reserva extrativista é alternativa para a região

"Até agora promoveu-se o desenvolvimento da Amazônia através de grandes projetos agropecuários e de colonização ou de mineração, que já se mostraram inviáveis. É necessário mudar a ótica e se adotar um modelo alternativo, que é a reserva extrativista. É a exploração racional da floresta, em seus múltiplos aspectos: seringa (borracha), castanha, peixes, caça, essências, frutas tropicais etc, respeitando a ecologia e fixando o homem à terra", afirma a geógrafa Olga Maria Schild Becker, ligada à União dos Povos da Floresta, movimento criado para defender índios, seringueiros e ribeirinhos.

Olga Becker irá defender esse ponto de vista durante o 1º Simpósio Internacional de Estudos Ambientais em Florestas Tropicais Úmidas (Forest'90), a ser realizado em Manaus entre 7 e 13 de outubro e que reunirá cerca de 400 especialistas de todo o mundo. O documento final do encontro servirá de base às discussões do Congresso Mundial sobre o Meio Ambiente, que a Organização das Nações Unidas (ONU) realizará no Brasil em 1992.

Ela defende a necessidade de promover rapidamente a demarcação das quatro reservas extrativistas (Chico Mendes, Rio Tejo, Rio Cajari e Rio Ouro Preto) estabelecidas no final do governo Sarney e que irão ocupar, ao todo, 2,16 milhões de hectares, distribuídos pelos Estados do Acre, Rondônia e Amapá.

"A idéia corrente na sociedade brasileira é de que na Amazônia só existem árvores e não pessoas sob elas. Por isso, fala-se em ocupar a região. Na realidade, ela já está ocupada, mas as formas de ocupação diferem das existentes no Sul do País. Não há espaços vazios, pois eles são ocupados pelos povos da floresta, que com suas atividades não predatórias, exploram a região

sem devastá-la", declara Olga Becker, que diz ser desnecessária a implantação pelas Forças Armadas do Projeto Calha Norte, porque as próprias populações nativas são as defensoras da Amazônia, não necessitando transferir pessoas de outras regiões para garantir a ocupação da área.

A geógrafa, que é do Departamento de Geografia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), lembra que até agora o modelo de desenvolvimento econômico adotado para a região foi baseado em grandes projetos agropecuários e de mineração, quando a cultura local é de pequenas propriedades. Isso levou a uma ruptura cultural e, conseqüentemente, à expulsão das populações nativas. Expulsas de seus locais de residência pelos grandes projetos, essas populações foram engrossar as periferias das grandes cidades ou: imigraram para países limítrofes.

"Há estimativas do Conselho Nacional de Seringueiros que existem na Bolívia 60 mil seringueiros brasileiros, que começam a ser expulsos pelas autoridades daquele país. Outros imigram para as cidades e viram camelôs ou se transformam em bóias-frias ou em colonos, estabelecendo, neste caso, um processo de esquizofrenia, pois, embora culturalmente sejam defensores da floresta, como colonos são obrigados a devastá-la para implantar a lavoura", diz Olga Becker. Por isso, ela vê na criação de mais e mais reservas extrativistas a grande solução para a região Amazônica porque, além de respeitar a cultura das populações locais, esse sistema de exploração da floresta é de grande economicidade, explorando racionalmente as riquezas locais (seringa, castanha, essências, frutas tropicais, etc), que têm alta cotação no mercado internacional.